

A modernidade no vazio: o deserto argentino do século XIX na ficção histórica de Juan José Saer

Rafael Vaz de Souza⁹⁷

Resumo: No pós-independência argentino, tem-se a construção da clássica imagem do pampa como um deserto – um espaço vasto, monótono e vazio de habitantes. De conteúdo claramente ideológico, tal imagem se torna central no processo de consolidação do Estado nacional, encabeçado pelo projeto liberal, cuja doutrina se articula na dicotomia entre civilização e barbárie e tem em Domingo Faustino Sarmiento seu principal nome. Escritor clássico da literatura argentina e latino-americana, foi também presidente entre 1868 e 1874, sendo, por seus incentivos à agricultura e à imigração europeia, um dos principais impulsionadores da modernização do campo argentino. Pouco mais de um século depois, Juan José Saer publica o romance *A ocasião* (1986), no qual revisita, numa releitura dos principais temas da tradição liberal, o pensamento e o governo *sarmientinos*. Entender como um dos maiores escritores da literatura argentina contemporânea simboliza período tão fundamental da história de seu país é o objetivo deste texto.

Palavras-chave: Juan José Saer; literatura argentina; modernidade.

A ocasião (no original, *La ocasión*), 8º romance do escritor argentino Juan José Saer e publicado no ano de 1986, narra a história de Bianco, um ocultista europeu de origem e nome incertos que, após passar pelos mais diversos lugares e bandos ideológicos, se interna na planície argentina a fim de escapar do que ele define como a “conspiração dos positivistas de Paris”, que havia desmascarado seus poderes. Como bem aponta Beatriz Sarlo, Bianco é um típico exemplo da figura do aventureiro (SARLO, 2007, 286) e, ao longo da narrativa, o leitor toma conhecimento, nunca de maneira linear, de suas peripécias anteriores pelo continente europeu, sua fuga e chegada à Argentina, seu estabelecimento no interior do país, de como adquire terras, aprende os costumes gaúchos locais, conhece e se casa com Gina, e trava relações com Garay López, descendente do fundador da cidade de Santa Fé.

97 Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo. Contato: rafael.vaz.souza@hotmail.com

O romance se inicia com o personagem parado em meio à planície, quieto e dubitativo, a observá-la enquanto reflete sobre o que vê:

por sua monotonia silenciosa e deserta, a planície era um lugar propício para os pensamentos, não os avermelhados e ásperos, da cor dos seus cabelos como os que tem agora, mas sobretudo os polidos, os incolores que, encaixando-se uns nos outros em construções inalteráveis e translúcidas, iriam servir-lhe para libertar a espécie humana da servidão da matéria. A extensão plana, sem acidentes, que o cerca, cinza como o céu de fim de agosto, representa melhor do que qualquer outro lugar o vazio uniforme, o espaço despojado da fosforescência multicolorida que os sentidos enviam, a terra de ninguém transparente no interior da cabeça onde silogismos estritos e calados, claros, se concatenam. Mas ele tampouco despreza os outros, de qualquer cor, cor de tijolo, por exemplo, como agora, ou os pensamentos tingidos pela carne morena de Gina, que se tornam curvos, redondos, como as formas do corpo dela, negros e lisos como seus cabelos, bruscos e um tanto pueris como seu riso, suaves e úmidos como seu abandono. (SAER, 2005, 9)

Logo de início, a narrativa apresenta o conflito central do protagonista, o embate entre dois modos antagônicos pelos quais o pensamento toma forma: de um lado, aqueles translúcidos, claros, incorpóreos e “puros”, sem ligação com o mundo material e que Bianco associa com o espaço vasto, vazio, uniforme e monótono do pampa argentino; de outro, os multicolores, quentes, bruscos, de diversos formatos e consistência, colados à matéria e à pulsação da vida, entendidos como familiares aos meandros do corpo feminino de sua esposa. Em busca da resolução de tal dilema, o personagem se interna no pampa para pensar, a fim de se concentrar nos pensamentos de primeiro tipo, mas, ao contrário do refúgio idealizado que a planície lhe parecia prometer, ele se vê constantemente assolado e perseguido pelos de segundo.

O embate, portanto, entre pensamento “puro” e mundo material será o eixo principal da narrativa de *A ocasião*, e, em se tratando de um romance argentino, se torna impossível não pensá-lo nos termos de civilização e barbárie. De longa tradição europeia e colonial, a versão argentina da dicotomia ganha sua definição mais acabada e difundida em *Facundo ou civilização e barbárie*, de 1845, de Domingo Faustino Sarmiento, em cuja posterior presidência (1868 – 1874) se passa

a narrativa do romance.⁹⁸ Livro monumental e clássico absoluto da literatura em língua espanhola, *Facundo* se apropria da dicotomia e a organiza em um sistema de disjunções, no qual, da oposição fundamental entre civilização e barbárie, se despreendem outras: unitários e federais, Europa e América, Buenos Aires e o interior, progresso e tradição, cidade e campo, representando sempre uma o polo positivo e a outra, o negativo. Bioma próprio do campo e do interior argentinos, o pampa foi colocado no lado negativo da equação *sarmientina* e sua designação como “paisagem essencial” do país é entendida como algo inerentemente prejudicial, como um entrave ao projeto civilizador proclamado pelo livro (GAMERRO, 2015, posição 160-5).

Por suas características físicas – de vastas extensões e vegetação rasteira – o pampa foi, ao menos desde a chegada dos viajantes europeus no início do século XIX, descrito por aquilo que lhe faltava quando comparado às florestas do Velho Continente: a planície carece de árvores, de cultivos, de elevações e de acidentes. Como mostra Fermín A. Rodríguez, conhecer é comparar e, no processo de construção da imagem do pampa argentino, diversas foram as imagens utilizadas para lhe dar identidade, sempre, porém, de maneira insuficiente e incapaz de abarcar a totalidade de suas idiossincrasias, como as das pradarias norte-americanas, das estepes asiáticas e – a que acaba prevalecendo no imaginário decimonônico argentino – dos desertos africanos (RODRIGUEZ, 2010, posição 614).

Mas por que o deserto? Ao contrário do que a palavra supõe, o pampa argentino não é uma terra arenosa, não é árida e nem carece de vegetação. A explicação para tal escolha reside, portanto, em fatores alheios ao caráter físico do território. Diz Rodriguez:

Se a planície é, no final das contas, um deserto, não é por falta de água e de vegetação, mas por falta de habitantes. [...] Nenhuma evidência de intervenção humana (trilhas, caminhos, cultivos, árvores, valas), nenhum rastro histórico (ruínas, construções

98 Diz Piglia: “Desde el punto de vista cronológico, lo que se narra allí es contemporáneo a la presidencia de Sarmiento. La novela trabaja su presidencia y en el centro del relato está, por supuesto, la tensión entre civilización y barbarie (PIGLIA, 2016, posição 1344-50).” Para uma história da longa trajetória da dicotomia “Civilização e Barbárie” no pensamento argentino entre 1845 e 1955, ver o livro de Maristella Svampa, *El dilema argentino: civilización o barbarie. De Sarmiento al revisionismo peronista*.

abandonadas) rompem com a solidão de uma natureza virgem, à margem da “razão da história”.⁹⁹ (IDEM, 619-24)

Para Beatriz Sarlo, o termo deserto não qualificaria apenas uma extensão física que é apenas natureza, mas sim um espaço ocupado por homens cuja cultura não é reconhecida enquanto tal. Assim, mais do que relacionar o pampa com características climáticas próprias ao bioma africano do deserto, a escolha do termo pela intelectualidade argentina do século XIX consistiu numa operação ideológica que apagou – primeiro simbolicamente para, depois, fisicamente com as campanhas do deserto do general Roca – a presença dos habitantes indígenas da região. Onde há deserto, continua Sarlo, não há cultura, e o Outro que o habita é visto precisamente como Outro absoluto, imerso numa diferença intransponível (SARLO, 2007, 25). Desta forma, se, em *Facundo*, tanto os índios quanto os gaúchos – estes últimos espalhados pelo campo juntamente com o gado, que era criado de forma espontânea e sem nenhum limite para sua reprodução e contenção – são personificações da barbárie, apenas os segundos são recuperáveis e domesticáveis, pois, aos primeiros, só lhes resta o extermínio (GAMERRO, 2015, posição 2269). Como aponta o escritor argentino Carlos Gamerro, na procura de um inimigo que os definiria, e colocados a eleger entre os godos – termo que designava os adeptos da Coroa espanhola –, os brasileiros, os paraguaios ou os índios, os argentinos escolheram os índios (IDEM, 2238).

Esvaziado de habitantes, o pampa aparece, assim, como um vasto território a ser preenchido. Primeiro, por significados – ele deve ser extensamente descrito, cartografado, mensurado –, para, depois, por trabalhadores, instituições do Estado, leis reguladoras, fluxos de capitais, enfim, o que for necessário para sua modernização e inclusão no mercado capitalista mundial (RODRIGUEZ, 2010, posição 5419-29). Voltando ao romance de Saer, é este movimento que explica e possibilita a viagem de Bianco para o interior da Argentina, pois, após fugir da humilhação que sofre em Paris, ele vai para a Itália e, lá, entra em contato com um diplomata argentino, que lhe emprega como promotor da imigração de camponeses italianos para o país; trabalho este pelo qual ele foi remunerado com alguns títulos

99 Com exceção do romance de Saer, todas as citações em português foram traduzidas por mim.

de propriedade na região do noroeste do país que o governo procurava povoar na província de Santa Fe – região onde se passa a totalidade da ficção saeriana.

Bianco é, portanto, um agente civilizatório da modernidade. Em meio ao governo de Sarmiento, ele traz consigo os imigrantes europeus tão proclamados pelo presidente como solução para a falta de habitantes no campo. Ademais, ao longo do romance, o personagem estuda e, em sociedade com Garay López, inicia a importação de arames farpados alemães para serem usados na delimitação dos ranchos e contenção do gado solto na planície, além de defender e promover a agricultura, vista com desdém pelos gaúchos. Todas estas ações estão em consonância com o discurso de Sarmiento enquanto presidente e seu projeto de transformar o país em uma democracia agrícola cujo modelo é nada menos que os Estados Unidos.¹⁰⁰

Para Ricardo Piglia, Saer tem uma grande capacidade de cifrar o histórico em seus romances e, com isso, mostrar como a vida pessoal está tocada, de uma maneira imperceptível, por movimentos históricos e políticos, por transformações da esfera do público que o narrador nunca cita (PIGLIA, 2016, posição 1503-8). Assim, *A ocasião* pode ser lido como um romance da presidência de Sarmiento, no sentido de que figura o modo de funcionamento da máquina modernizadora na Argentina do século XIX e como ela lidou com temas caros à época, como os do atraso, imigração, repartição agrária etc. (IDEM, 1508-14).

Tal qual o escritor que, crente no peso performativo da palavra escrita, procura submeter à realidade argentina a esquemas dicotômicos de pensamento, ou o presidente que funda cidades no meio do deserto por decretos, Bianco possui um olhar que, calculista, analisa a realidade a fim de conhecê-la e, por fim, controlá-la.¹⁰¹ É com tal intuito – e não apenas para pensar – que o personagem se interna no pampa, pois, a despeito de suas pretensões filosóficas, ele tem uma facilidade em compreender a concretude das relações sociais e, quando chega “com seus títulos de propriedade, decidiu ao primeiro olhar, observando os ricos do lugar, que iria dedicar-se ao gado e ao comércio (SAER, 2015, 9)”. Para obter o sucesso

100 “Sarmiento’s plan for civilizing the countryside involved the elimination of overly large landholdings and the establishment of numerous agricultural colonies of European immigrants (KATRA, 1994, 91).”

101 Nas ações do Sarmiento presidente, como na fundação de Chivilcoy, “la palabra legislativa, el peso performativo de una letra que, escrita directamente sobre la llanura, pone la pampa en movimiento (RODRIGUEZ, 2010, posição 3765-70)”.

desejado, ele logo percebe que deve conhecer a região tão bem quanto seus habitantes gaúchos e estancieiros, aprender seus costumes e regras de convívio, mimetizando-os em seu comportamento e parecendo agauchar-se no processo:

Nos seis meses em que desapareceu da cidade, Bianco percorreu a planície em todas as direções, [...] vivendo o tempo todo à intempérie, quase sem descer do cavalo durante o dia, indiferente à chuva, ao sol que castiga até no inverno, ao vento e às geadas, caçando para subsistir ou recompondo suas provisões nas vendas um tanto desoladas do deserto, onde os nativos o viam chegar, silencioso, sério, com o revólver na cintura, montado num cavalo e atizando os outros dois ou trazendo-os com uma rédea comprida ao lado ou atrás de sua cavalgada. (SAER, 2015, 72-3)

Porém, tal movimento não resulta num genuíno agauchar-se do protagonista e, como diz Fermín Rodríguez, ele não se trata de um trabalho de identificação com os gaúchos e seu modo de vida, mas sim de um cálculo, “uma passagem forçosa pela identidade do outro para melhor se diferenciar dela”. Assim, sob este olhar que calcula com indolência, a planície se torna uma imensa folha de cálculo (RODRIGUEZ, 2010, posição 2574). Mais uma vez, Bianco encarna a figura do agente modernizador que se aproxima da realidade para transformá-la de acordo com seu projeto de civilização, tal qual um prestidigitador que, como ele próprio em suas apresentações na Europa, dobra colheres e manipula relógios com o poder da mente.

Metáfora máxima daquele que, apenas com o poder da vontade, literalmente dobra a realidade, Bianco é, apesar da confiança em seus poderes, um ilusionista derrotado. Seus poderes foram expostos e ridicularizados pelos positivistas de Paris, ao ponto de ter de fugir para os confins do mundo a fim de se recuperar e preparar seu contra-ataque. No pampa, ele acredita encontrar um refúgio ideal para o pensamento, mas que, ao contrário de todas as suas expectativas e primeiras impressões, se mostrará ser um adversário muito mais ardiloso que os que havia enfrentado no passado. E isso ele descobre imediatamente após a reflexão citada no início, pois, enquanto observa a planície, ele percebe uma ligeira perturbação no horizonte que, pensando em se tratar de um *malón* – nome dado aos repentinos ataques dos índios às cidades da fronteira –, revela ser uma tropilha de cavalos selvagens, uma massa de matéria múltipla, pulsante e desenfreada, “exterior ao

círculo de pensamento dentro do qual ele pretende encurralar e encerrar os fluxos de matéria não conectada do pampa (IDEM, 2586-91)”.

Eufórico pela visão desnorteadora da tropilha, Bianco decide voltar para sua casa e, após galopar o dia inteiro sob a chuva, encontra uma cena que lhe é ainda mais impactante: recostada na poltrona da sala, a cabeça jogada para trás, as pernas estiradas e os sapatos caídos em desordem no chão, sua esposa Gina, com os olhos semicerrados e uma expressão de prazer intenso e – lhe parece a Bianco – um tanto equívoco, suga um charuto enquanto, na outra poltrona, Garay López, com um conhaque na mão e um pouco reclinado na direção dela, lhe diz alguma coisa com expressão malévola. O episódio, que parece ter saído diretamente de um romance sentimental do século XIX e é repetido diversas vezes ao longo da narrativa – um procedimento típico do autor –, transtorna ainda mais o personagem, que passa a ser gradativamente tomado pelos ciúmes.¹⁰² Ciúmes estes que só pioram com a descoberta da gravidez de Gina e a obsessão que surge com a cor dos cabelos do bebê: vermelhos iguais à inocência; negros, adultério.

A partir daí, Bianco, em sua espiral obsessiva, passa a relacionar o suposto segredo de Gina com a força indômita dos cavalos selvagens do pampa como se fossem duas faces da grande armadilha do mundo material contra ele. Para Piglia, o personagem encarna a figura trágica do herói romanesco, que, tal qual o Quixote, tenta provar que o mundo real está errado e suas ilusões é que seriam a verdadeira realidade. Neste conflito narrativo, Gina funciona como uma metáfora do real, como se representasse a própria matéria. Este, continua Piglia, é um procedimento clássico do romance de avance da narrativa, pois “a tensão algo abstrata entre o mundo do real e o mundo do ideal deve ser encarnada num objeto concreto; para que a situação narrativa se desenvolva, o herói tem que encontrar um objeto que concentre o sentimento (PIGLIA, 2016, posição 1368)”. Como em *Moby Dick*, a baleia branca não é apenas um animal, mas a encarnação da busca por algo que dê sentido à vida do herói.

Em *A ocasião*, o desejo de Bianco em decifrar Gina garantiria não apenas a predominância do masculino sobre o feminino, na insistente recusa do homem em aceitar a mulher como ente autônomo e não submetido às suas expectativas, mas o

102 “Porque La ocasión es una novela sobre los celos”, diz Piglia (PIGLIA, 2016, posição 1350).

próprio domínio do personagem sobre as forças incontroláveis da matéria. Ele, porém, nunca saberá da verdade. O interior subjetivo de Gina é impenetrável até mesmo para as práticas de adivinhação que ambos realizam desde o início do casamento e que nunca obtiveram o sucesso desejado, já que Bianco sempre falha em prever a carta aleatoriamente escolhida por ela. Como bem aponta Sarlo, ele acaba se transformando num vidente cego, cujo escrutínio incessante da realidade tem pouco daquela visão calculista que lhe havia possibilitado ascender socialmente no pampa e ganhar o respeito dos gaúchos (SARLO, 2007, 287). Para piorar, Garay López cai vítima da febre amarela que ele mesmo traz de Buenos Aires e, mesmo quando sacudido por um Bianco tresloucado pela obsessão e o recém-adquirido vício pelo conhaque, lhe deixa sem resposta.

Ao final do romance, Bianco se interna novamente no pampa, mas desta vez não para pensar, mas sim para, juntamente com Gina, fugir da epidemia de febre amarela que assola os habitantes da cidade de Santa Fe. Lá, ele se encontra com o temível irmão de Garay López, um gaúcho violento e avesso às práticas modernizadoras que o governo de Sarmiento tentava instaurar no campo, mas que acaba, desta vez, por entrar em acordo quanto à necessidade de cercar os ranchos e de promover a agricultura. O protagonista novamente prevalece no terreno do pragmático, mas fracassa, mais uma vez, em adivinhar a carta escolhida por sua esposa numa última tentativa após a saída do seu agora novo sócio.¹⁰³ Pessimista, diz Sarlo, o romance de Saer fala, como sua literatura, da impossibilidade:

não é possível conhecer senão essas superfícies deslumbrantes da matéria que são, ao mesmo tempo, um engano; não é possível unir um homem e uma mulher porque são mutuamente incompreensíveis e incomunicáveis; o mistério rodeia aqueles que tentam, em vão, ultrapassar os limites da percepção, único território seguro. (SARLO, 2007, 288)

Já o pampa é um deserto árido e vazio. Não por seu clima ou por uma suposta falta de cultura de seus habitantes, como proclamavam os escritores do século XIX, mas por sua resistência em ser significado por uma razão que lhe é alheia e, por isso, limitadora. Sua vastidão e aparente monotonia – daí sua aridez – não são, como acreditava Bianco, sintomas de sua similitude e abertura passiva ao

103 “Intenta pensar pero cumple un destino sudamericano y sólo triunfa en los negocios (SARLO, 2007, 287).”

pensamento “puro” e especulativo, mas uma entre as diversas camadas sobrepostas e pulsantes de vida; um território que, dependendo das categorias a partir das quais se observa, pode parecer vazio e mudo, mas que na verdade é – e finalizo com uma imagem cara a Saer – uma selva espessa, rugosa e, tal qual a própria realidade, difícil, senão por vezes impossível, de se apreender.

Bibliografia:

ABBATE, Florencia. *El espesor del tiempo: tiempo e historia en las novelas de Juan José Saer*. Villa María: Eduvim, 2014.

GAMERRO, Carlos. *Facundo o Martín Fierro: Los libros que inventaron la Argentina*, 2015.

KATRA, William H. “Rereading *Viajes*: Race, Identity, and National Destiny” In: HALPERÍN DONGHI, Tulio [et al]. *Sarmiento, author of a nation*. California: University of California Press, 1994, pp. 73-100.

PIGLIA, Ricardo. *Las tres vanguardias. Saer, Puig, Walsh*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2016.

RODRÍGUEZ, Fermín A. *Un desierto para la nación. La escritura del vacío*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1996.

SAER, Juan José. *A ocasião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 (tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman) [original: 1986].

SARLO, Beatriz. “El origen de la cultura argentina: Europa y el desierto” (1986) e “Mujer, pena y misterio” (1988). *Escritos sobre la literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, pp. 25-29; 286-8.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010 (tradução de Sérgio Alcides).

SHUMWAY, Nicolas. *A invenção da Argentina: história de uma ideia*. São Paulo; Brasília: Edusp; UNB, 2008.

SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino: civilización o barbarie. De Sarmiento al revisionismo peronista*. Buenos Aires: Imago Mundi, 1994.